



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Entre a História e a Ficção', de Gabriela Gândara Terenas]

Jorge Bastos da Silva

Para citar este documento / To cite this document:

Jorge Bastos da Silva, "[Recensão crítica a 'Entre a História e a Ficção', de Gabriela Gândara Terenas]", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 266-268.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

**Gabriela Gândara Terenas**  
**ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO**  
AS INVASÕES FRANCESAS EM  
NARRATIVAS PORTUGUESAS  
E BRITÂNICAS

Casal de Cambra, Caleidoscópio / 2012

A actividade de investigadora de Gabriela Gândara Terenas tem tido como objecto de atenção principal as relações culturais anglo-portuguesas, com forte incidência no século de Oitocentos. A uma dissertação de mestrado intitulada *O Portugal da Guerra Peninsular. A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)* (Lisboa, Edições Colibri, 2000, com 2.<sup>a</sup> ed. em 2010) seguiu-se uma tese de doutoramento, infelizmente nunca publicada, que oferece uma análise exaustiva das informações e representações de aspectos da sociedade e da cultura das Ilhas Britânicas no periodismo português da segunda metade do século XIX (cf. *Diagnoses Especulares: Imagens da Grã-Bretanha na Imprensa Periódica Portuguesa (1865-1890)*, Lisboa, 2004, 3 vols.). O novo livro da autora confirma esses interesses, voltando a focá-los no período das Invasões Francesas e, simultaneamente, alargando o escopo para abarcar textos ficcionais que se distribuem pelos séculos XIX, XX e XXI. O estudo constitui, deste modo, uma ambiciosa — e, acrescente-se desde já, muito conseguida — visão panorâmica das reelaborações da memória histórica da Guerra Peninsular patentes em quase meia centena de romances (além de algumas narrativas mais curtas), *corpus* no qual se evidencia que a passagem do bicentenário dos acontecimentos suscitou uma intensificação das suas evocações novelísticas. Entre os ficcionistas contemplados no estudo, encontram-se, do lado português, Arnaldo Gama, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Malheiro Dias, Álvaro Guerra e Vasco Graça Moura; quanto a romancistas

britânicos, são abordadas obras de G. A. Henty, Conan Doyle, Rafael Sabatini, C. S. Forester, Bernard Cornwell e Simon Scarrow, entre outros. A análise concentra-se num período situado entre 1807 e 1812, aproximadamente, tomando como balizas, num extremo, a partida da corte portuguesa para o Brasil e o desembarque do primeiro corpo expedicionário britânico, e, no extremo contrário, o impasse imposto ao invasor nas Linhas de Torres e a retirada do exército de Masséna.

Identificados estes pressupostos, e expostas diversas considerações acerca da relação entre a literatura, a História e a historiografia no capítulo introdutório, o estudo de Gabriela Gândara Terenas desenvolve-se de acordo com uma metodologia sinóptica, que ora permite estabelecer contrastes, ora deixa perceber a emergência e a persistência de *topoi* tocantes a uma série de elementos pertinentes. O capítulo 2, «Figuras da História e da Ficção», passa em revista o modo como foram representados os vultos mais distintos da época em apreço, como sejam o príncipe regente D. João, Bernardim Freire de Andrade, Wellington, Beresford, Junot, Soult, Bonaparte e diversos outros militares, estadistas e diplomatas, quanto aos respectivos retratos físicos e psicológicos e ao seu envolvimento em episódios históricos específicos. Prosseguindo esse método de leitura transversal aos romances seleccionados, os capítulos 3 e 4, «Do Bloqueio Continental à Retirada de Soult» e «Do Combate do Còa à Retirada de Masséna», são sobretudo dedicados a examinar o tratamento literário dos acontecimentos mais importantes, alinhados numa sequência cronológica. É esta a parte mais substancial do estudo, demonstrando a autora, aqui como na parte antecedente, assinalável capacidade de sistematização de dados recolhidos num *corpus* muito vasto e grande agilidade na difícil coordenação das suas

leituras. O capítulo 4, «Auto e Hetero-Avaliações dos Povos Envolvidos», tem em conta as projecções identitárias de carácter nacional presentes nas obras estudadas, incluindo Portugueses, Britânicos e o inimigo comum, os Franceses.

Deve reconhecer-se à autora, sem reservas, o mérito de, através de um levantamento muito aturado e de um conjunto de análises críticas orientadas para a percepção não apenas de dominantes e redundâncias, mas também de certas modulações subtis, ter dotado de profundidade e amplitude talvez insuspeitadas o nosso conhecimento do objecto que empreendeu investigar. Por um lado, sublinhe-se a consistência com que o estudo delinea estereótipos, grande parte dos quais não surpreendem, até porque decorrem do investimento em imagens de autoglorificação nacional; a outros, porém, os autores imprimiram *nuances* que lhes conferem notável viveza e que derrogam entendimentos simplistas tendentes a estrear heróis e vilões. Realce-se, por outro lado, a detecção das diferenças de tratamento dadas a certos sucessos e figuras, consoante se trata de ficcionistas portugueses ou britânicos. Estas diferenças, que são observadas a espaços em curtos apontamentos de síntese e se tornam um tema central das «Reflexões Finais», manifestam-se quer no grau de desenvolvimento dado a certos episódios e personalidades, quer no aspecto interpretativo ou valorativo da efabulação do passado (é o caso de Freire de Andrade e Wellesley, a p. 53-57, e da Convenção de Sintra, a p. 240-56).

Noutra perspectiva, é de registar que a autora tem o cuidado de fornecer, em rodapé, traduções portuguesas dos numerosos passos de romances britânicos que cita, e também que, sobre essa gentileza feita ao leitor, enriquece o volume com a reprodução de 32 capas de romances. Esse elemento iconográfico indicia que

o estudo de Gabriela Gândara Terenas, não obstante a sua pouco vulgar extensão e o seu evidente acabamento, pode ainda encontrar valorização enquanto ponto de partida para análises complementares.

A virtude deste livro, com efeito, reside tanto naquilo que dá ao leitor como naquilo que sugere. Dentro deste espírito, refira-se o grande interesse de nos questionarmos se, no tocante à efabulação literária da Guerra Peninsular, podem ser caracterizadas matrizes de evolução, ou simplesmente transformações radicáveis na alteração de circunstancialismos, ora de quadros ideológicos, ora de recursos técnicos ou preferências estéticas — dizendo de outro modo, se, entre Arnaldo Gama e Graça Moura, entre Henty e Scarrow, as representações da História têm elas próprias uma história discernível. Esta questão, explorada sucintamente nas «Reflexões Finais», é prova do valor de estimulante intelectual que tem o estudo de Gabriela Gândara Terenas. Saliemos ainda a sintonia da obra com desenvolvimentos recentes no campo das Humanidades, como são aqueles que têm vindo a congregar-se em torno da problemática da Memória Cultural.

A concluir, cabe mencionar a coincidência — também ela prova da oportunidade do livro de Gabriela Gândara Terenas — de no mesmo ano ter vindo a lume um estudo de Lars Peters sobre as representações ficcionais das Guerras Napoleónicas na escrita romanesca britânica e irlandesa (cf. *Romances of War. Die Erinnerung an die Revolutions- und Napoleonischen Kriege in Großbritannien und Irland (1815-1945)*, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 2012 — livro que, aliás, integra uma colecção votada ao estudo da memória dessa conjuntura histórica). Sem podermos realizar aqui o cabal confronto entre as duas obras, não queremos, todavia, deixar de fazer

uma referência breve, para apontar que o estudo da académica portuguesa é mais ambicioso quanto ao espectro temporal considerado, e ainda que só ele proporciona leituras numa perspectiva verdadeiramente comparatista. Por outro lado, e a despeito da delimitação temporal enunciada no título, Peters praticamente só faz leituras detalhadas de romances do século XIX, facto que denuncia algum desequilíbrio na orientação do estudo. Contudo, o livro de Peters decorre também de um projecto investigativo de monta, já por não se cingir às operações militares em solo ibérico (opção tomada, no caso de Gabriela Gândara Terenas, por motivos específicos e justificados), já por atender a questões que se prendem com o mercado do livro, e sobretudo por identificar um número impressionante de romances sobre o tema, nada menos que 534 espécies.

*Jorge Bastos da Silva*

[O Autor segue a antiga ortografia.]

## O SÉCULO DO ROMANCE

### REALISMO E NATURALISMO NA FICÇÃO OITOCENTISTA

Coord. António Apolinário Lourenço,  
Maria Helena Santana e Maria João Simões  
Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa/  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

*O Século do Romance* configura, logo no título, uma abordagem ao texto literário, a uma tipologia textual e a um período epocal que pressupõe um enquadramento sociológico, histórico e ideológico — pre-núncio que o subtítulo confirma: *Realismo e Naturalismo na Ficção Oitocentista*. O livro organiza-se em nove secções, que agrupam artigos de diversos autores, cujos olhares convergem para escritores consi-

derados «naturalistas» ou «realistas», de várias origens (portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, russos, brasileiros), mas também para alguns que advêm de uma linha romântica e experienciam as novas técnicas narrativas ou que pretendem parodiá-las, como é o caso de Camilo Castelo Branco. Eça de Queirós e Émile Zola são os dois nomes que mais relevo ganham no conjunto dos cinquenta artigos que o livro inclui.

Nesta obra, não são apenas as categorias da narrativa classicamente analisadas (ação, tempo, espaço, narrador, personagem) que são problematizadas no quadro das convenções da representação literária da realidade na segunda metade do século XIX, mas também a articulação do texto literário com novos processos de representação/reprodução que este período histórico vê surgir. A ilustração de algumas edições de romances e a influência da fotografia na própria concepção de representação do real conferem ao texto literário novas potencialidades significativas (cf. artigo de A. Fernandes); com a pintura e a música vão estabelecer-se relações de intertextualidade que contribuem para leituras inovadoras da obra literária, ainda em pleno século XIX.

Já o cinema e a banda desenhada, como outros artigos salientam, serão formas de permanência destas obras em contextos culturais posteriores ao período oitocentista, que implicam (e exigem também da parte do recetor) releituras mais ou menos próximas do texto original.

Na impossibilidade de referirmos todos os artigos, salientamos apenas alguns em cada uma das secções do livro, sem que isso signifique desvalorizar os que não são referidos de forma individualizada.

A Secção I, «A República Realista», inicia-se com um artigo de Philippe Dufour, o qual define o romance realista como «*roman des mœurs démocratiques*».